

UNIÃO FIGUEIROENSE

Orgão do Centro Democratico Dr. Affonso Costa

PUBLICAÇÕES

Communicados e annuncios contendo acusações a particulares ou relativos á vida privada dos cidadãos não se publicam.

Composto e impresso nas officinas da UNIÃO FIGUEIROENSE.

Redacção e Administração
Rua Luiz Quaresma Val do Rio

DIRECTOR — Alfredo Simões Pimenta

Editor — Alfredo Lencastre e Barros

Administrador e proprietario — José Miguel Fernandes David

ASSIGNATURAS

Annuncios por cada linha 40 réis, repetições	20
Anno, pagamento adelantado	15200
Semestre	600
Brazil (moeda forte)	25000
Africa	15200
Numero avulso	30

Dois annos depois

Passou no preterito dia 5 o segundo anniversario da Republica Portuguesa.

As manifestações que se fizeram em quasi todo o paiz mostram claramente que o actual regimen vae lançando fundo as suas raizes, inspirando confiança á nação e provando que só elle a poderá salvar da ruina em que estava prestes a afundar se pelas mãos dos monarchicos.

Dois annos apenas de Republica e a sociedade portugueza encontra se completamente transformada e quasi adequada ás instituições por que se rege.

Quem tal diria?! A acção reformadora dos novos governantes, modernizando os processos e moralizando os costumes, deu ao paiz uma vida nova que nos hade conduzir a um bom porto de salvamento por uma administração honesta e pela rehabilitação dos nossos fallidos creditos.

Portugal, jardim florido e invejado da parte mais occidental da Europa, tem ainda um vasto imperio colonial. O seu solo productivo e rico dá margem a largos empreendimentos, e o seu clima temperado e benéfico casa-se admiravelmente com a maravilha das suas bellezas naturaes.

Nada ali falta que o estrangeiro não admire e cubice. A sua situação geographica, ponto de partida para qualquer dos oceanos que banham o globo, é tambem uma porta aberta que nos põe em contacto com as grandes nações do mundo civilisado.

A nossa historia tem paginas brilhantes que fazem inveja aos feitos de maior grandeza.

O nosso povo é uma raça de heroes que firmou o seu nome nos campos da batalha e que por mares nunca navegados honrou Portugal nas cinco partes do mundo.

Fômos outr'ora uma nação rica, poderosa e temida.

Porém, a administração dos reis despotas, cruéis e imbecis, foi a pouco e pouco depauperando os thesouros publicos, perdendo os nossos dominios d'alem mar, arruinando-nos cá dentro e desprestigiando-nos lá fora.

As castas reaes e as suas desbragadas catteries palacianas, enchendo se de crimes repugnantes, não hesitavam em arrastar o paiz para o mar de lama, onde mais e mais se afundava. Os ultimos reimados dos Braganças tingiram de ignominia a alma nacional, roubando, amesquinhando e assassinando os portuguezes!

Os escandalos mais ruidosos dos ultimos tempos vieram ao conhecimento publico com os que de longe vinham...

Exigiam se á nação maiores sacrificios e lançava-se lhe em rosto o epitheto infamante de a pialheira.

O povo conseguiu enfim a comprehender que tinha de correr a chicote os ladrões que lhe tiravam a pelle, a liberdade e a vida.

E uma tarde, quando o regio cevado regressava de uma estroina, esfregou os olhos, abriu-os e, n'um momento de justiça, fez-lhe pagar com a vida a divida que contrahira para com a nação — a sua falta de vergonha!

O povo resflogou por algum tempo, mais foi pouco. O visinho beato, vaidoso e sobretudo imbecil, que succedeu na direcção suprema dos destinos do paiz,

mostrou em breve ser bem aquelle tronco corrompido da arvore genealogica que pouco antes tombára para sempre no Terreiro do Paco.

Já não havia lições, por mais duras e implacaveis, que fructificassem no espirito d'aquella corte depravada, criminosa e infame!

Os mesmos processos reapareceram, a clericalha perfida e altaneira resurgiu triumphante e abominavel, apontando ao povo o cadafalso e a escravidão!

Com um gesto magnanimo, um esforço nobre e porventura o derradeiro respondeu o povo, o sacrificado, ás torpes ameaças d'aquella canalha dourada — fazendo a revolução d'outubro.

Oitocentos annos de monarchia corrupta foram esmagados apenas por algumas horas de combate. O rei fugia espavorido e a nação entregava-se ás mãos dos seus redemptores. Fez-se a Republica, abençoemo-la com o nosso esforço e com a nossa fé. Só ella poderá redimir esta Patria querida e só ella tem direito ao respeito e veneração de todos os portuguezes.

Os dois primeiros annos da sua existencia gloriosa são o penhor mais sagrado de uma grande esperanza n'um futuro risonho e proximo.

Todos o acreditam e poucos o não desejam.

duas incursões couceiristas baqueassem perante a estabilidade da Republica, para que esse cidadão viesse para a rua victoriar um regimen que elle só agora soube respeitar exteriormente. Já não era sem tempo...

Contrastes

Entre outros jornaes que fizeram edições especiaes para commemorar o segundo anniversario, conta-se a «Leiria Illustrada», orgão do partido republicano do districto, que mandou distribuir gratuitamente um bello numero illustrado com gravuras allusivas á implantação da Republica. Para aqui vieram tambem muitos exemplares que foram profusamente distribuidos.

Ocorre agora perguntar o que fez o «orgão da reacção districtal». Naturalmente, porque não tinha á mão o retrato do masmarro d'Areaga ou os d'alguns dos vultos mais ferozes da caciçada sua amiga, não botou numero especial, deixando correr os marfins...

Prestou assim fervorosa homenagem a Gonzaga Cabral, não gastou vintem e obteve indulgencias plenarias que muito lão de contribuir para que lhe sejam perdoadas as tropelias praticadas no pobre frade, cuja vida custou ao paiz os trescentos contos de reis.

Vae andando, que assim entrarás um dia no reino dos ceus...

Um regedor á altura

Como referimos na noticia que em outro lugar publicamos, o partido republicano do concelho, conjuntamente com os seus amigos e correligionarios de Arega, escolheu a sede d'esta freguezia para solemnizar o segundo anniversario da Repu-

“O Revolucionario”

Recebemos o primeiro numero d'este interessante semanario que se publica em Lisboa, sob a direcção de F. M. Ribeiro.

Apresenta-se muito bem redigido e é orientado nos bons principios, pondo acima da politica de campanario a causa da Republica e dos republicanos.

Lenga vida e muitas prosperidades, eis o que desejamos ao novo collega.

CASAMENTO

Consorciam-se no dia 29 do mez findo, em Lisboa, o nosso prezado amigo e correligionario sr. José Nunes dos Santos Junior, filho do proprietario da Casa Portuguesa, da rua do Mundo, e a sr.ª D. Graziela Rodrigues Mauricio, gentil filha do sr. Antonio Rodrigues Mauricio e da sr.ª D. Rosa Mauricio. Os padrinhos do noivo foram seus paes srs. José Nunes dos Santos e a sr.ª D. Luiza dos Reis dos Santos. Os padrinhos da noiva foram os srs. Virgilio de Magalhães e a sr.ª D. Alzira Rodrigues Mauricio, irmã da noiva. Na «corbeille» da noiva viam-se numerosos e valiosos brindes. Ao nosso amigo e a sua ex.ª esposa desejamos as felicidades que merecem, enviando-lhes d'aqui as nossas felicitações.

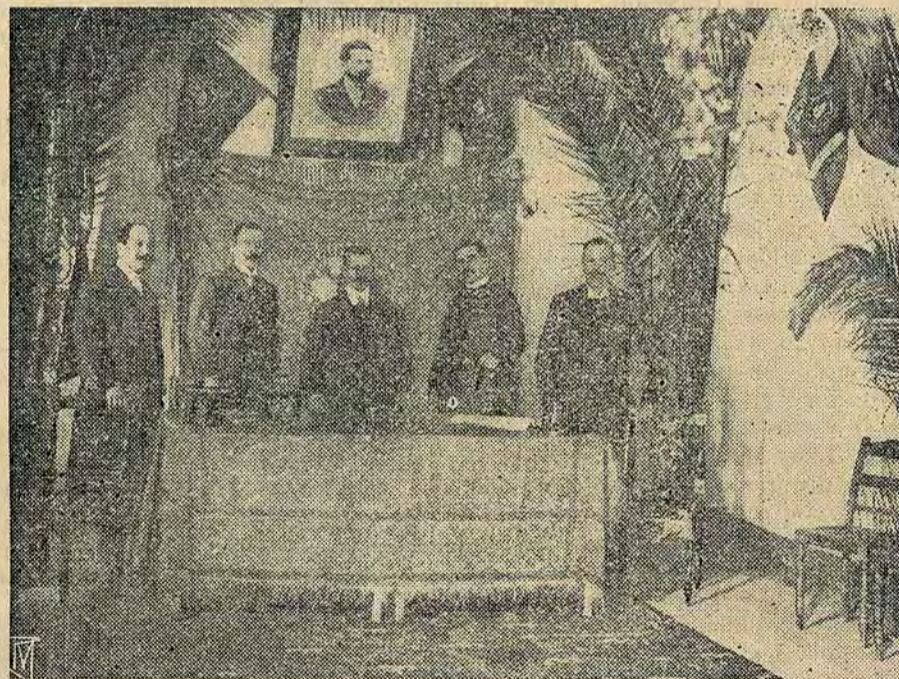
Dr. José Dêlgado

Com demora de dois dias, esteve entre nós o nosso amigo sr. dr. José Dêlgado da Silva Ribeiro, advogado e notario n'esta comarca. Sua ex.ª retirou novamente para a sua quinta do Murtal.

Estiveram na nossa redacção os nossos estimados assignantes de Arega, srs. Adrasto dos Santos; Antonio de Vasconcellos Sousa Manso; Emygdio Gonçalves Baião e Victorino dos Santos.

Carlos Liborio

Regressou de Coimbra com sua esposa e filhinha o nosso amigo sr. Carlos Liborio, commerciante e proprietario n'esta villa que, como noticiámos, ali foi tratar da boca no consultorio do sr. dr. Juvenal Quaresma Paiva e que vem reconhecido para com aquelle nosso illustre amigo, pela maneira carinhosa como foi tratado na sua operação que durou dois dias.



Commissão executiva do Grupo Democratico d'esta villa — Pa esquerda para a direita: José Miguel Fernandes David, Alfredo Barba de Lencastre e Barros, Joaquim Miguel de Carvalho, Alfredo Simões Pimenta e João Ferreira de Carvalho. (Cliché de S. Telhada)

ECHOS

Custom ..

Como previramos no nosso ultimo numero, não se fizeram em Figueiró quaisquer festas que condignamente assignalasses o segundo anniversario da proclamação da Republica.

Apenas á noite vimos na rua a philharmonica evolucionista, levando á frente o sr. Joaquim d'Arango Lacerda Junior, secretario da camara municipal, e outro individuo dando vivas que eram correspondidos por alguns garotos e pelos soldados da Força aqui destacada. Mais nada.

Não vimos na manifestação nenhum dos personagens graduados que se dizem «evolucionistas e camachistas» e que têm recebido favores da Republica, apesar dos seus conhecidos sentimentos reaccionarios.

E mesmo o sr. Lacerda Junior é a primeira vez que o faz: foi preciso que a Republica contasse dois annos de existencia triumphante e que

blica, promovendo ali festejos no dia 5.

O sr. administrador do concelho que promettera mandar para Arega parte da força militar que aqui se encontra, á ultima hora, resolveu não a mandar, porque isso desagradava aos seus amigos. Em vez da força militar, foram para Arega apenas dois policiaes para manter a ordem n'um arraial onde se juntaram para cima de quatro mil pessoas! E note-se que estavam annunciados motins para vexar os republicanos.

Mas vamos ao caso: os pobres policiaes apresentaram-se em Arega e, procurando o regedor, como representante da autoridade administrativa, foi-lhes respondido que esse funcionario se ausentára da freguezia dias antes! Procurando o substituto, este respondeu que officalmente nada sabia e, portanto, não entraria no exercicio das suas funcões.

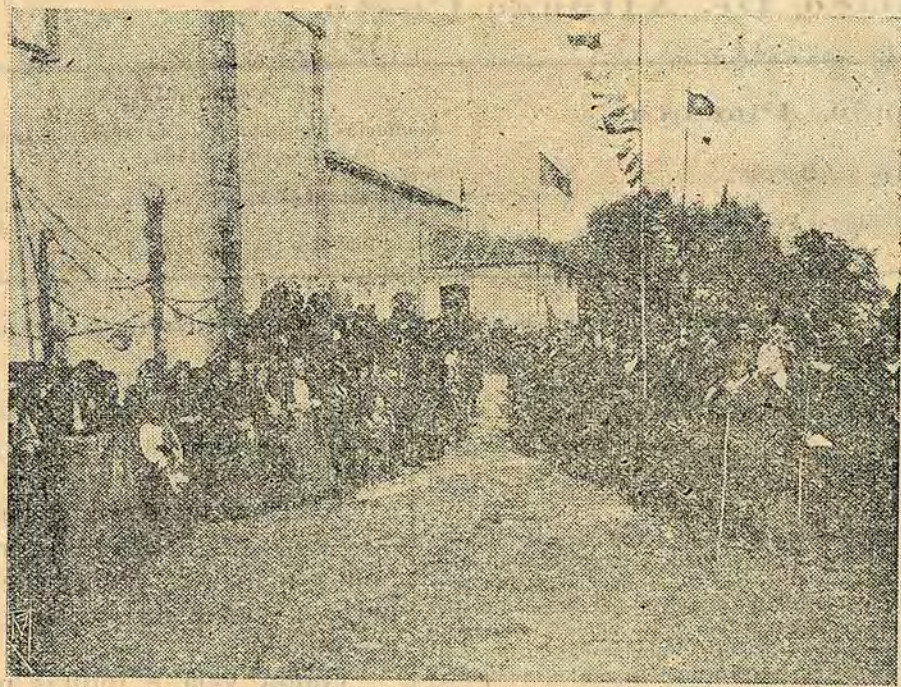
Os dois guardas, que eram impotentes para se desembararem da missão de que os tinham incumbido, retiraram para Figueiró, não ficando em Arega uma unica autoridade.

E depois dizem que são perseguidos e que nós é que mentimos, quando apontamos ao publico estas marioladas. Que vergonha!

2.º ANNIVERSARIO DA IMPLANTAÇÃO DA REPUBLICA

UMA GRANDE JORNADA DE PROPAGANDA REPUBLICANA

Os festejos d'Arega — Um comicio memoravel — O procedimento da auctoridade administrativa e do masmarro Cordeiro



Inauguração da bandeira nacional da comissão parochial administrativa d'Arega — (Cliché de S. Telhada)

Conforme estava anunciado, realizaram-se no dia 5 do corrente, na freguezia d'Arega, os festejos commemorativos do 2.º anniversario da implantação da Republica.

Foi um dia de verdadeira festa, que jamais se apagará da memoria dos que a ella assistiram.

Logo de manhã, uma salva de morteiros ecoou pelas serranias, annunciando aos povos circumvisinhos que Arega se vestira de galas para solemnizar a gloriosa data de 5 d'outubro de 1910. A philharmonica do Carril sob a direcção do seu habil regente sr. Silva, entoou a «Portuguezia» subindo ao ar muitos foguetes, por entre clamorosos vivas á Republica.

De vespera poucas pessoas se haviam deitado, trabalhando umas nos preparativos de ornamentação e outras percorrendo as ruas da villa em manifestações de regosijo. Tal era o enthusiasmo que imperava no espirito do povo d'Arega para fazer uma festa condigna do acto que ia solemnizar!

Todas as pessoas de maior qualidade se empenhavam em que os festejos tivessem o maximo brillantismo, mostrando assim que não commungam nos sentimentos reaccionarios do padre da freguezia, José Rodrigues Cordeiro, que se não cansa de affirmar no «camaleão» que o povo está ao seu lado! Agora, porem, que o povo manifestou o seu regosijo pelo advento da Republica, sem se importar com o padre para nada, elle ausentou-se da freguezia, assim como o regedor, mostrando, mais uma vez, que são dois inimigos do regimen e que abandonam o povo no momento em que elle se manifesta ruidosamente em favor da Republica!

Foi uma lição flagrantemente de civismo por parte do povo e mais uma prova de cobardia reaccionarismo por parte do masmarro.

Em relação ao regedor, consta-nos que está suspenso do exercicio das suas funções; em relação ao padre, brevemente terá a paga d'este procedimento, que é consequencia de tantos outros de igual jaez.

A comissão organizadora dos festejos, que se compunha dos nossos amigos e correligionarios, srs. João Arthur de Sousa Manso, Antonio Rodrigues Baiao, Victorino dos Santos, Basilio d'Araujo Lacerda, José Simões Baiao, Antonio de Vasconcellos Sousa Manso, Emygdio Gonçalves Baiao e Adrasto dos Santos, verdadeiros e denodados republicanos, a quem a causa da Republica tanto deve na freguezia d'Arega, empregou os seus melhores esforcos para que os festejos tivessem todo o luzimento possivel.

A comissão parochial administrativa tambem tomou parte nos festejos, inaugurando a bandeira nacional que comprou expressamente para esse fim, pelo que é digna dos maiores louvores.

A comissão executiva do partido democratico do concelho quiz tambem concorrer com a sua presença para abri-lhantar áquellas festas, indo levar ao povo de Arega palavras de confraternização republicana, promovendo ali um comicio e abstendo-se de manifestações na sede do concelho, mostrando assim a muita consideração em que tem os seus correligionarios d'aquella freguezia.

Com effeito, pelas 13 horas uma grandola de foguetes annunciava a chegada a Arega dos nossos amigos, srs. Joaquim Miguel de Carvalho, José Miguel Fernandes David, Alfredo Simões Pimenta, João Ferreira de Carvalho, Alfredo Barba de Lencastre e Barros, padre José Henriques Coelho, Benjamin Augusto Mendes, Manuel da Silva Telhada, Albano dos Santos Abreu, Camillo d'Araujo Lacerda, Antonio de Sousa José etc., etc., que se faziam acompanhar da philharmonica União Democratica Figeiroense. A entrada da villa foram feitos os cumprimentos do estylo, vindo a philharmonica do Carril, acompanhada da comissão promotora dos festejos e muito povo, receber os recém chegados, trocando-se varios vivas e saudações á porta do sr. João Manso d'Oliveira Moraes, abastado proprietario n'aquella freguezia que se dignou receber gentilmente os nossos amigos, pelo que aqui lhe testemunhamos a nossa gratidão.

No meio do maior enthusiasmo, dirigiram-se as philarmonicas e membros das comissões para o local da festa, dando algumas voltas ao adro da igreja parochial ao som da «Portuguezia» e «Maria da Fonte», sendo acompanhados de muito povo.

Seguidamente, procedeu-se á inauguração da bandeira nacional na casa das sessões da comissão parochial administrativa, que se achava em sessão solemne, tocando as duas philarmonicas o hymno nacional e fazendo uso da palavra o nosso director que tomou para thema o amor da Patria e explicou ao povo o que significavam a bandeira e o hymno nacionaes, terminando por glorificar os heroes de 5 d'outubro.

Terminando este acto, teve lugar

O COMICIO

que foi aberto pelo nosso amigo sr. Joaquim Miguel de Carvalho, illustre presidente da comissão executiva do grupo democratico, e que teve lugar em frente da casa do nosso amigo Victorino dos

Santos, de cujas janellas falaram ao povo os seguintes oradores:

Alfredo Barba de Lencastre e Barros, jornalista e ajudante do registo civil, que n'um bem elaborado discurso tratou largamente a questão social, mostrando as multiplas vantagens da Republica sobre o regimen dos adeptamentos.

Começa por saudar o povo d'Arega, pedindo-lhe que não meça as palavras d'elle orador pela sua fraqueza physica, porque se a sua voz não é tão forte como seria preciso, o sentimento que ellas representam é grande e acima o para vir ali cooperar na festa que o povo da freguezia hoje faz em honra d'esses heroes que no dia 5 d'outubro proclamaram a Republica.

As revoluções, continua o orador, apesar dos horrores, seus companheiros inseparaveis, são outros tantos pinaculos que a humanidade contempla atravez dos seculos; na sua essencia são como essas tempestades electricas que nos atemorizam com o seu fuzilar de relampagos, com os rugidos dos seus trovões, com as suas faixas zigzaguiando no espaço, mas que depois abençoamos pelos beneficios fecundantes que d'ellas derivam para os nossos campos, apoz as copiosas chuvas de que se fazem acompanhar.

Foi tambem por virtude de successivas revoluções que temos conquistado as regalias que hoje fruímos.

Quem vos deu a noção de que saís cidadãos, por certo dos mais prestantes á Patria?

Quem vos levou ao conhecimento da vossa liberdade individual? — A gloriosa revolução de 5 d'outubro, de que vós hoje celebraes o 2.º anniversario e para o que tão generosamente cedestes o vosso pequeno obulo, afim de commemorar-la condignamente, mostrando assim que entre vós já se vae conhecendo o direito que tendes de viver livremente e que, mais que outrora, sentis no coração o sagrado amor da Patria.

Eu vos felicito pela vossa festa, como cidadão e como republicano.

A revolução de outubro, tendo por fim melhorar as condições de vida das classes trabalhadoras, teve tambem em vista fazer resurgir a nossa querida Patria do lodacal em que a monarchia a ia afundando. Uma nação onde o povo vive tyrannizado é uma nação morta, porque a vida das nações depende do seu progresso intellectual que a tyrannia dos governantes procurava estorvar, como unico meio para se impor aos povos.

Se a revolução de outubro nos tirou da condição degradante de escravos, fazendo do povo as forças vivas da nação, impoz-lhe tambem grandes deveres que

todos temos de cumprir e que jamais podemos esquecer. Para cumprir esses deveres é preciso que cultiveis nos vossos corações todas as virtudes civicas, a principal das quaes é o amor e respeito pela vossa Patria.

Depois o nosso amigo, expraiando-se em largas considerações acerca da Patria e dos nossos deveres sociaes, diz ainda:

A Patria é a casa onde nasceste, é a aldeia onde passastes a vossa infancia, a escola onde aprendestes a balbuciar as primeiras letras; é o vergel florido onde tantas vezes espareceste os vossos ocios de creança e do meio do qual se ergue altivo o campanario da vossa igreja, ora repicando alegremente annunciando vos o nascimento de mais um cidadão, ou então soando plangentemente a morte d'um ente querido. A Patria é esse amenissimo logar d'onde todos os dias avistaes as frescas ribeiras que banham as vossas campinas, e a serra alterosa que cerca os vosos horizontes.

Mas a Patria não é só isto ainda: quanto mais a percorrermos, maiores bellezas encontraremos; grandes cidades onde os progressos da sciencia exhibem os seus prodigios e que nos tempos idos estavam á mercê de meia duzia de farçantes que nos roubavam torpemente.

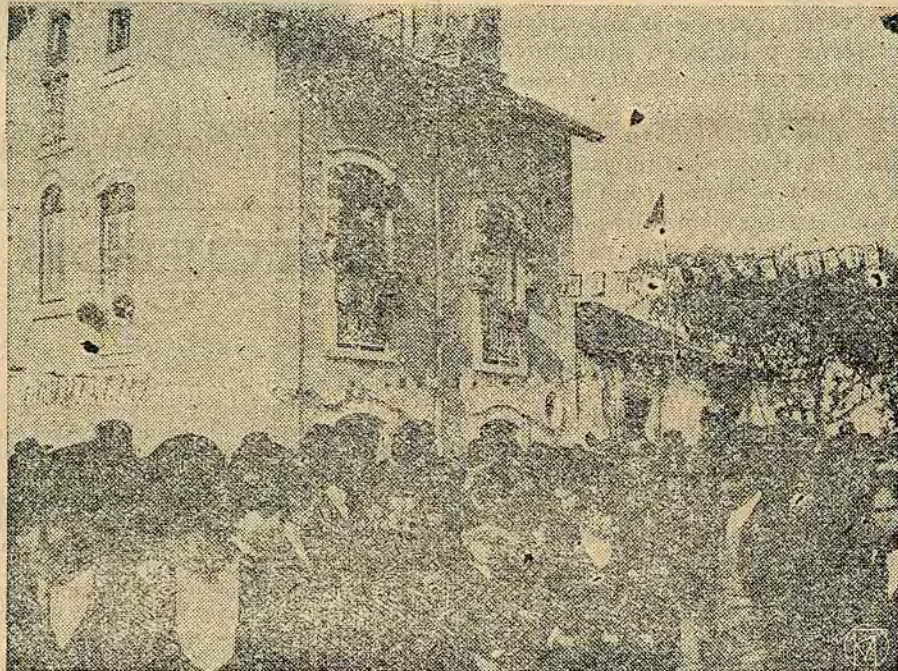
Continuando a defender a causa da revolução, o orador affirma que só a Republica nos pode salvar do abysmo em que a monarchia nos atolou impiedosamente.

Ao terminar o seu discurso, foi muito abraçado pelos seus amigos por entre estrepitosos vivas á Republica, á Patria, ao Partido Republicano, etc.

Em seguida foi dada a palavra ao reverendo prior da G. aça **José Henriques Coelho**, que n'um brillante improviso falou ao povo dos beneficios que a Republica nos trouxe e frisou com energia que a Republica não é a negação da doutrina de Christo, antes pelo contrario ella encerra os grandes preceitos do martyre do Golgotha. Elle, orador, como padre, tem a auctoridade moral para poder dizer ao povo que a lei da separação é a garantia mais segura de que todos podem, se quizerem, observar os preceitos religiosos.

Tanto isto é assim, affirma o padre Coelho, que ainda ha pouco tempo, um d'esses vendilhões da nossa Patria, que foi aprisionado e levado á Penitenciaria pelos tribunaes marciaes, pediu ao illustre ministro da justiça para que lhe fosse concedido ouvir missa. Pois esse desejo foi satisfeito. E esse criminoso que tentou contra a Patria e por tanto contra nós todos ouviu missa na sua cela.

Se a monarchia fosse ainda forma de governo em Portugal, certamente não ace-



Um aspecto do comicio — O nosso director fallando ao povo — (Cliché de S. Telhada)

deria a tal pedido! Este facto só por si mostra bem a liberdade do culto que a Republica nos assegura e que está mandado por um dos primeiros artigos da lei da separação.

O orador continua a citar exemplos comprovativos das suas afirmações, dizendo ao povo que se alguém se apresentar a dizer-lhe que a Republica o inibe de resar onde e como quizer, que lhe responda com as biqueiras dos sapatos, porque só aquelles que procuram a ignorancia do povo para viverem á sua custa é que querem indispor-lo contra a Republica. Esses são os falsos republicanos, esses são aquelles que não têm religião! diz o padre Coelho n'um gesto de admiravel patriotismo. Depois de se ter expariado em largas considerações acerca das leis da Republica, que poz em paralelo com as da defuncta monarchia, o padre Coelho levantou um viva ao auctor da lei da separação que foi freneticamente correspondido pelo povo, ouvindo-se vivas aos padres liberaes, á Republica, ao Partido Republicano, etc., etc., terminando o padre Coelho por aconselhar os seus ouvintes a que amassem a Republica, que respeitassem as suas leis e que fossem sobretudo patriotas, porque esse era o principal dever de todos os portuguezes. O seu discurso deixou visivel impressão de contentamento em todo o auditorio, sendo o nosso amigo vivamente ovacionado, tomando em seguida a palavra o cidadão **Alfredo Pimenta**, que fez salientarem o facto de ser o orador precedente um padre que vinha entre o povo afirmar que a Republica é um regimen de liberdade e de justiça. A voz do padre, diz o orador, é a voz de Deus, quando o padre sabe cumprir a sua missão, quando o padre é honesto, quando elle é honrado e sobretudo patriota.

Ora o padre Coelho está n'estas condições, é um cidadão honesto e digno e tem a auctoridade moral para aconselhar o povo a amar as instituições que nos regem, para felicidade da Patria.

Alem d'isso o padre Coelho não é um aventureiro que appareceu ali a dizer a um povo que o não conhece aquillo que lhe veio á boca; não, elle é o prior de uma freguezia proxima que todos conhecem, tomando portanto a responsabilidade das suas afirmações.

Os padres da envergadura de José Henriques Coelho merecem ser escutados pelo povo, porque são ainda os seus leaes amigos, aquelles que melhor podem dar ao povo um bom conselho.

Depois ainda o orador diz que o illustre ministro da justiça ordenou que as certidões que o povo de Arega tem de tirar no concelho d'Anção para fazer os registos prediaes na conservatoria da nossa comarca, e que até aqui custavam caros emolumentos, são agora tiradas gratuitamente. E tambem o pagamento das «cisas» que até agora era feito por 10 por cento sobre o valor das propriedades, se faz agora apenas com 8 por cento, pelo que se vê que a Republica vem aliviando os povos, a pouco e pouco, dos pesados encargos com que a monarchia os opprimia.

Por ultimo fala ainda o velho republicano, cidadão **Fernando Cal-**

deira, digno professor official do Carril, que dissertou acerca da emancipação da mulher portugueza, dos seus deveres sociaes, da sua influencia sobre a regeneração da familia e, por tanto, da sua accção no resurgimento e engrandecimento da Patria.

Fernando Caldeira, apontou com notavel proficiencia os erros que as mães de familia commettem muitas vezes na educação de seus filhos, entregando a exclusivamente aos cuidados do professor que, sem o auxilio do esforço dos paes, tantas vezes vê inutilizado o producto do seu trabalho.

E' preciso que as mulheres se compenrem dos seus deveres como mães, contribuindo por todos os meios para que seus filhos aproveitem a instrução, já fazendo com que não falem á escola, já ensinando-os a respeitarem os seus professores como verdadeiros paes, incitando-os ao estudo e promovendo o seu desenvolvimento intellectual por todas as maneiras ao seu alcance.

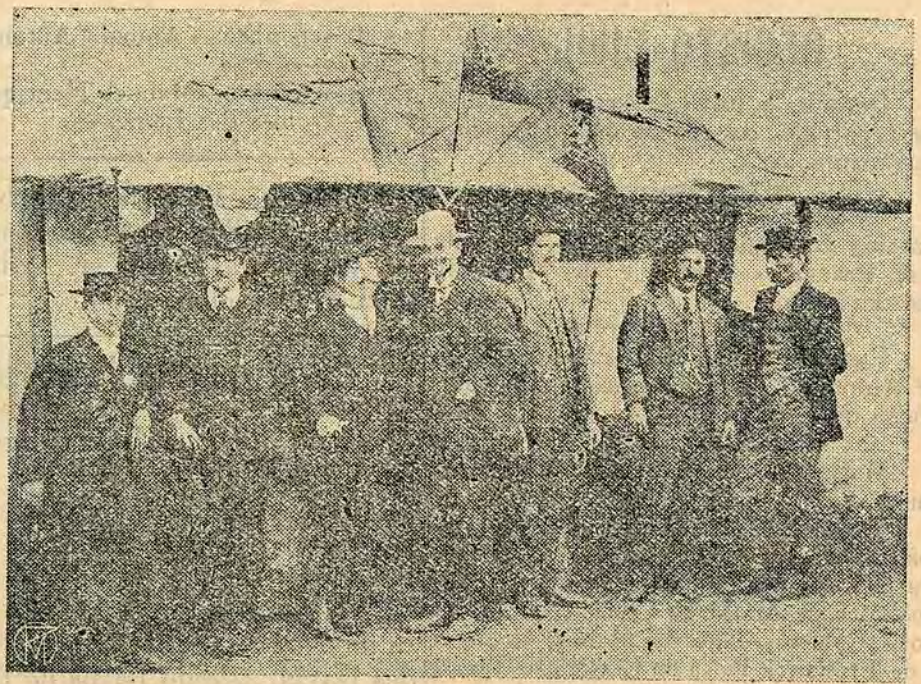
A Republica combate o obscurantismo e creou escolas por toda a parte, é, pois, preciso que os paes, e especialmente as mães, cumpram a sua missão de educadores, para que a obra do governo da Republica resulte proveitosa para o povo portuguez que sem a instrução nunca será nada.

Fernando Caldeira, usando de uma linguagem clara e precisa, como convinha ao acto, desenvolveu o seu thema intelligentemente, prestando mais um serviço á causa da democracia, de que elle foi sempre um fiel apostolo. Por isso, ao terminar o seu discurso, foi muito felicitado pelas pessoas presentes que o abraçaram sinceramente.

Em seguida o sr. Joaquim Miguel de Carvalho levantou vivas á Patria, ao Partido Republicano e ao dr. Affonso Costa que foram intensamente correspondidos, encerrando o comicio que deixou em todos as mais gratas impressões.

Depois do comicio, realisou-se em casa dos nossos amigos João Arthur e Antonio de Vasconcellos Sousa Manso um lauto jantar, que se prolongou pela noite adiante, por entre festivas aclamações á Republica e á familia Manso, e no qual tomaram parte alguns dos nossos amigos d'esta villa e d'aquella localidade, que ficaram muito reconhecidos para com os donos da casa pela extrema amabilidade com que foram recebidos.

A' hora marcada começou a queimar-se um lindo fogo d'artificio que foi confeccionado pelo habil pyrotechnico da Certã, sr. José Nunes da Silva, artista muito conhecido em todo o paiz pelos seus trabalhos, que revelam sempre o mais fino gosto, pelo que já tem sido premiado varías vezes. O fogo, como se esperava, produziu os mais surprehendedes efeitos, havendo peças de inextinguivel primôr, como foi a do «Cruzador Republicano», navio figurado em luzes variadas, vomitando metralha em defe-



Commissão organisadora dos festejos — Da esquerda para a direita: Antonio de Vasconcellos Sousa Manso, Emygdio Gonçalves Baião, João Arthur de Sousa Manso, Victorino dos Santos José Simões Baião, Antonio Rodrigues Baião e Basilio d'Araujo Lacerda — (Cliché de S. Telhada)

za dos heroes que na Retunda levantaram a sua bandeira de guerra contra o regimen de latrocínios.

Foi indiscutivelmente um dos melhores numeros d'esta festa que tão agradavelmente impressionou aquelles que o presencaram.

A philarmonica do Carril abrihantou com o seu bello repertorio as festas nocturnas, sendo digno de todo elogio o seu regente.

Tambem cabe aqui salientar a maneira habil como o sr. Manuel Martins Nunes regem a philarmonica União Democratica, que tão bem se desempenhou da sua missão nos festejos d'Arega.

— O nosso amigo sr. dr. Manuel Diniz Henriques juiz substituo da comarca, que tencionava tomar parte no comicio, não o podendo fazer, enviou ao nosso director o seguinte telegramma:

«Castanheira de Pera, 5, ás 10,12.

Rogo apresente as minhas saudações ao povo republicano d'Arega, sentindo que imperiosos motivos me inibiam de faze-lo pessoalmente.

Viva a Republica!

Diniz Henriques»

— Tambem ao nosso amigo sr. João Arthur de Sousa Manso foram endereçadas estas festivas saudações:

«Cumprimento-o muito affectuosamente, acompanhando as festas d'ali em honra da Republica com um Viva a Patria Portugueza! Viva o Portugal livre! Viva a Republica!

Floriano Brito»

— Ao mesmo cidadão foi tambem dirigida a seguinte carta:

«Associo-me em espirito á vossa alegria, fazendo sinceros votos porque as vossas festas decorram com o maior entusiasmo e brilho, como é de esperar, pela boa vontade dos seus organisadores, pelo que traduzem e que, ao mesmo tempo, tenham o condão de fazer acordar do marasmo em que vegetam essas pobres creaturas que luctam dia a dia pelo seu amargo pão e as convençam de como é bella a Republica e de como ellas têm o dever de se integrar n'ella, assim de tambem, com o seu esforço, contribuirem para a fraternidade universal e para o brillantismo da Democracia Portugueza que hade fazer reviver o Portugal heroico e glorioso que se be conquistar um territorio e uma independencia e abrir pelo seu arrojo e

heroicidade o caminho primeiro para o progresso da humanidade.

Sernache do Bomjardim, 5.

Virgilio Nunes da Silva

ULTIMA HORA

Já depois de composto o nosso jornal chega-nos á mão o seguinte telegramma do nosso solicito correspondente de Leiria.

Leiria, 10, ás 14,44.

Chegou hoje o sr. dr. Domingos Lopes Fidalgo, governador civil d'este districto, que veio tomar posse do seu lugar.

Correspondente

Officina de canteiro

Cantarias para construcções e jazigos em pedra liós ou calcario

Preços sem competencia, responsabilizando-se pelo bom acabamento.

Pedidos a

Joaquim Nunes — Cortiça — Alvaazere

BOA CASA

Vende-se aquella em que viveu a fallecida Maria d'Almeida, situada na rua central d'esta villa.

Trata-se com

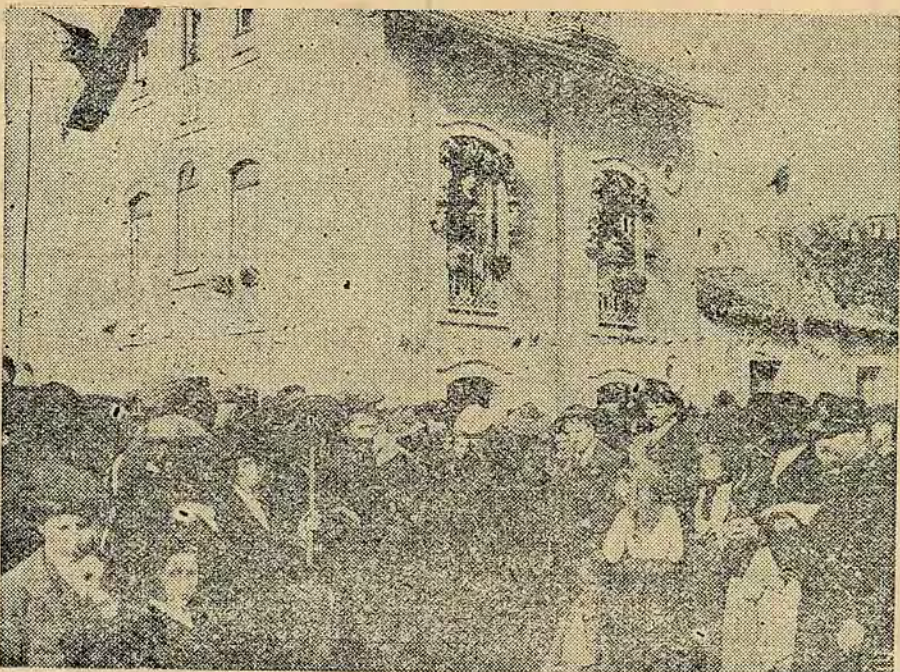
José Manuel Godinho

GUARDA-SOL BENGALLA

O que ha de mais «chic», elegante e commodo. Só se vendem no estabelecimento de «O BARATEIRO DO POVO».

De regresso da Figueira da Foz chegou a esta villa com sua familia o nosso amigo sr. Alfredo Correia de Frias.

Ver adeante noticias na 4.^a pagina.



Outro aspecto do comicio — Alfredo Lencastre ao iniciar o seu discurso — (Cliché de Silva Telhada)

REGISTO CIVIL

Durante o mez de setembro houve na repartição do registo civil o seguinte movimento.

NASCIMENTOS

Antonio da Conceição Simões, filho de José Francisco Simões e de Maria da Conceição, do

Casal da Santarem

Etelvina da Conceição Mendes, filha de Antonio Mendes e Carolina da Conceição, do

Casal Velho - Aguda

Maria dos Anjos, filha de Paes incognitos.

Maria da Conceição Freitas, filha de João Freitas e Francisca da Conceição; Maria Rosa Coelho, filha de Bernardino Coelho e de Maria da Conceição; Maria Rosa Caetano, filha de Manoel Caetano e de Francisca Rosa da Conceição, Quinta das Lameiras; Gracia Conceição Simões, filha de Manuel Simões e de Anna da Conceição, de

Figueiró

Annibal da Conceição Rodrigues, filha de Manuel Rodrigues e de Arminha da Conceição, Cavadinha; Maria do Carmo Curado, filha de Joaquim Curado e de Margarida Rosa, da

Carreira - Arega

Aurora Augusta da Conceição, filha de Antonio Augusto e de Joaquina da Conceição, do

Cercal - Aguda

Gracinda Carmo Barata, filha de Antonio Maria Barata e de Maria do Carmo. Chávelho

Manuel Coelho da Silva, filho de Bernardino Coelho e de Maria da Conceição da Silva; Elzilda dos Santos Martins, filha de José Martins e de Maria dos Santos, da

Povoa - Campello

Aida Conceição Varandas, filha de Joaquim Henriques Varandas e de Olinha de Mattos Varandas; Joaquim Simões Abreu, filho de Manuel Simões Abreu e de Maria do Carmo, do

Campello

Arthur Conceição Fonseca, filho de Manuel Fonseca e de Adelaide da Conceição, do

Fontão Fundeiro - Campello

Emilia Conceição Mendes, filha de Joaquim Mendes e de Joaquina da Conceição, do

Olival - Aguda

Angelica Conceição Fidalgo, filha de José Simões Fidalgo e de Maria da Conceição, da

Ribeira do Braz - Arega

Manuel Silva, filho de Domingos Silva, dos

Braças - Arega

Aurora Conceição Antunes, filha de João Antunes Coelho e de Emilia da Conceição, do

Bréjo - Arega

João Lopes da Silva, filho de Antonio Lopes da Silva e de Maria da Conceição, do

Casal da Fonte das Bairradas.

Antonio Santos Ideias, filho de Baptista dos Santos Ideias

Marvilla

CASAMENTOS

Manuel Duarte Moreira, filho de Antonio Duarte e de Francisca de Jesus com Maria do Carmo Curado, filha de Joaquim Curado e de Margarida Rosa, elle do Fato, ella do Cercal.

OBITOS

1 de setembro - Joaquim Pedro da Silva Cercal - Aguda.

3 de setembro - Maria do Rosario - Cabeças.

4 de setembro - Maria dos Anjos - Figueiró dos Vinhos.

7 de setembro - Palmira da Conceição - Fonte, freguezia d'Aguda

7 de setembro - Manuel Francisco - Ervideira.

7 de setembro - Antonio José - Casalinho Arega.

14 de setembro - Alfredo Rosa Duarte - Agria Grande.

16 de setembro - Patricia Maria - Molhas, freguezia de Campello.

20 de setembro - José Marccs - Almofala de Cima - Aguda.

22 de setembro - Alberto Simões - Aguda.

24 de setembro - Antonio Antunes - Janalvo - Arega.

26 de setembro - Manuel Henriques Pinto - Quinta das Lameiras.

Vindo de Miranda do Corvo, passou n'esta villa para Pedrogam Grande, o nosso assignante sr. Arthur Miguel de Carvalho.

O julgamento d'amanhã

Continua amanhã o julgamento no tribunal da comarca do celebre processo que o ex-administrador do concelho Arthur Sequeira de Carvalho moveu contra os nossos amigos Alfredo Simões Pimenta, João Ferreira de Carvalho, José Miguel Fernandes David, Alfredo Barba de Lencastre e Barros, Abilio David dos Reis e Manuel Pedro dos Santos, accusados de terem dado morras ao governador civil Ignacio Verissimo d'Azevedo, á porta do Centro Democratico d'esta villa.

Sabemos que uma das testemunhas de accusação, que no decorrer da ultima audiencia havia cahido em contradicções, se ausentou para o Brazil, fugindo ao justo castigo que o esperava.

Sabemos tambem que os nossos inimigos, no intuito de não levarem no tribunal mais um «cheque», apenas insinuam a condemnação do nosso director, embora em pena condicional.

Pouco nos importa a attitudo que se tome para comnosco, porque as instancias superiores lá estão para fazer justiça, se ella nos fôr negada aqui.

De resto, não costumamos fazer apreciações sobre actos futuros, limitando-nos apenas a dizer que na primeira audiencia, no momento preciso em que se procedia a uma acareação entre duas testemunhas accusadoras, o sr. Juiz suspendeu a audiencia não mandando escrever os depoimentos contradictorios, apesar do advogado de defeza assim o pedir, alegando que essa testemunha era incapaz de negar o que dizia. Vejamos agora como se remediara essa falta, visto constar-nos que a testemunha referida não comparece no tribunal.

Estiveram n'esta villa os nossos assignantes srs. Manoel João Nunes, do Casal dos Ferreiros; Antonio da Silva Netto, da Bairrada; Manuel Simões Ladeira, dos Corticinhos; José Simões Calçada, de Villas de Pedro; e José João Nunes, de Atalaia Fundeira.

“O Intransigente,”

Completo mais um anno de existencia o nosso apreciado collega «O Intransigente», valente semanario da Povoa de Varzim, que é órgão na imprensa do Centro Democratico d'aquella villa.

Felicitamos.

Esteve hontem n'esta villa o nosso amigo sr. Manuel Henriques de Carvalho, industrial, do Casalinho.

De passagem para Azambuja, onde ainda se encontra, vimos n'esta villa o nosso amigo Adriaõ da Silva Graça, de Altardo.

PEDROGAM GRANDE

Segundo tenho lido nos jornaes, é no dia 24 do proximo mez de outubro que na comarca de Figueiró respondem os individuos implicados no complot monarchico, que aqui se descobriu em fevereiro ultimo.

São estes os «masmarras» que se dizem republicanos e que, como se vê, são mas é uns simples adeptos de Paiva Couceiro que Deus haja...

Quasi todos os dias, quando se passa a porta do club Kagados Assentados, Batoques & C.^a, se sentem uns meninos tocar e assobiar o antigo hymno da... outra mulher...

É dizem-se republicanos! Republicanos como burros pode ser!...

O senhor administrador do concelho, quando está entre as 10 e as 11, tambem costuma bater compasso!.. Não ha musica sem mestre... Mas um senhor administrador do concelho a fazer tambem parte de musicatas thalassicas é duro como o ferro.

Alem d'estas «figuras», costuma tambem comparecer um *intangível*, que dá pelo nome de «Frei Semeas».

Este frade é o senhor d'aquillo tudo!...

O que elle disser é que os outros fazem.

A carinha d'elle!... é mesmo d'uma pessoa se escangalhar a rir!...

Ultimamente, foi creado de Nossa Senhora da Selaborda, mas como esta senhora, em vista da lei da separação, ficou sem meios, abandonou-a...

No principio houve grandes festas, levou-a em precissão para as altas montanhas das Regadas e hoje vive na miseria...

Roza.

LAMENTAÇÕES

(Ao violão do meu amigo Pratilheiro)

Ao longe, ao longe, entre os ominosos cardos
 Solta o Trabuco os seus sentidos zurrros,
 Vendo no ar zumbirem os moscardos,
 Ouvindo alem zurrar os outros burros!

Orneja e zurra, pois que vê os ventos
 Levár d'envolta no feroz tuffão
 Para bem longe os taes emolumentos
 D'antes aufridos como *guardião*...

Descae o sol no cume do outeiro,
 A sombra cresce lenta e lentamente;
 Ao ver-se só, o misero sendeiro
 Diz seus queixumes n'um zurrar plangente:

—Dizei-me vós, celestes elementos,
 Fulgente, sol, ó pallido luar,
 Porque será que meus requerimentos
 Aos papeis velhos sempre vão parar?!

Explieae-me, ó lindas avezinhas,
 Ora cantando a solo, ora em duetos,
 Porque será que as malandrieas minhas
 Cantadas vejo em perdidos sonetos?!

O lindo sol, tornando-se sangrento
 E mergulhando no immenso mar,
 Disse-lhe assim: — O' burro lazarento,
 Vae para casa e põe-te a estudar!...

A cetovia, ouvindo-o do seu ninho,
 Disse-lhe assim, em tom de compaixão:
 — Pois tu não sabes, pobre jumentinho,
 Que alem d'um asno és um charlatão?!

Ouvin estas respostas, não gostando
 O Trabuco de ver-se assim troçar
 E volve logo: — «São do negro bando!»
 E alçou as patas, pôz-se a esconcear!

Está-se nas Tintas.

Pelo vapor de 7 do corrente seguiram para o Principe os srs. Abilio Dias de Carvalho e Evangelista Mendes d'Oliveira, a quem desejamos feliz viagem.

“A ESPIGA,”

É o título de uma revista em 2 actos e 7 quadros, com musica de Esteves Graça e Alves Coelho, que com tanto exito tem sido levada á scena no theatro Julia Mendes, de Lisboa.

Agradecendo o exemplar que nos foi offerecido e que se vende ao preço de 50 reis, publicamos em seguida parte de uma das suas jocosas coplas,

A cançoneta do Pardal

Seu o typo mais sabido
 Das terras de Portugal,
 Já de ha muito conhecido
 Pela alcunha do *Pardal*.
 Vae co'uma crise medonha
 Lá pelo paiz do sol
 Com esta pouca vergonha
 Da entrada do grão hespanhol.
 N'uma terra assim tão rica
 A miseria nos consome.
 Pardal pica, *Pardal* pica,
 Pardal pica, mas não come.

— Não come nem morde, porque... lhe faltam os dentes.
 A vontade é boa.

Estiveram entre nós os nossos amigos srs. Manuel Antonio Lopes, professor official, Julio Gama, comerciante, de Villa Faeia, e Manuel Lourenço dos Santos, de Alge.

Despedida

O abaixo assignado, tendo que retirar-se para o Principe (Africa) pelo vapor do dia 7 do corrente, e não tendo tempo de se despedir de todos os seus amigos, como era o seu desejo, fa-lo por este meio, agradecendo a todos as defferencias que lhe dispensaram e offerecendo o seu limitado prestimo n'aquella localidade.

Varzeas, 3 de outubro de 1912.

Abilio Dias de Carvalho

Cumprimentámos n'esta villa os nossos amigos Manuel Philippe Thomaz, do Troviscal; Joaquim Fernandes Dias, do Carregal; João Dias Coelho, das Varzeas; e Francisco Henriques Lopes, de Pera.

Encontra-se em Campello (Trespuestos) de visita a sua familia, o nosso assignante sr. Joaquim Martins, de Setubal.

Vimos em Figueiró os nossos assignantes srs. Joaquim Henriques d'Almeida, das Sarzedas; Eduardo Dias de Carvalho, de Villa Faeia; Joaquim d'Almeida, da Ribeira d'Alge, e Antonio Simões Varandas, da Lomba da Casa.

AVISO

Por estes são convocados os accionistas da Companhia de Cardação, Fiação e Electricidade dos Rapos que quiserem comparecer no dia 25 do corrente ás 14 horas na respectiva sede a fim de deliberar-se sobre contas, escripturação, caução da direcção, modo como tem funcionado e sobre a legalidade da ultima assembleia geral ordinaria.

Rapos, 2 d'outubro de 1912.

O presidente d'assembleia geral,
Manuel Diniz Henriques.